



TANGOS & TRAGÉDIAS

NICO NICOLAIEWSKY

HIQUE GOMES

DILMAR MESSIAS



- Após a entrada do público, entra FRANTZ, gritando como se quisesse impedir a sua entrada.

FRANTZ - O que é que estão pensando. Não toquem as mãos em mim! Vocês não sabem com quem estão falando. Eu sou FRANTZ! FRANTZ, entenderam? Sou o convidado especial, eu sou as vezes o único espectador (olha para o público) hoje tem bastante gente. Mas é sempre assim. Depois o público vai diminuindo e só fica eu. Aí eles mudam de praça. (Pausa) eles estão lá dentro e aquecendo (faz sinal de bebida) apagam-se as luzes) agora vai começar (silêncio) esta é a melhor parte do espetáculo. Apagam-se as luzes da platéia e entram Kraunos Sangue e Pletskaya, esse carregando um copo de whisky e já um tanto embriagado, com um olhar profundo e apaixonado, enquanto Kraunos Sangue se movimenta elétrica e decididamente preparando-se para afinar o seu violino).

- FRANTZ - Agora eles vão afinar, eles sempre afinam e nunca adianta nada.

KRAUNUS - (notando a presença de Frantz - hó meu Deus, ele de novo.

FRANTZ - vocês me viram? eu vim de novo, eu sempre venho.

ABERTURA (cantando sobre tema de Charlie Chaplin)

desgrazia ma non troppo
qual trono fa piruela
ce tati embriagado
alia riba su topor

pletskaya e Kraunos Sangue
desesperovna schlicel
pobrovna mãe materna
kliks on wander boitatá

su barcerola vola
su schnessel vessen frito
vá num tango e cartamano
cara dura e macarrón
aleronte come
aleronte come
aleronte começou



(Pletsckaya chama Kraunus e começam a tocar. Canta Pletsckaya).

NOITE CHEIA DE ESTRELAS (Vicente Celestino)

Noite alta céu risonho
A quietude é quase um sonho
O luar cai sobre a mata
Qual uma chuva de prata
De raríssimo esplendor
só tu dormes, não escutas
O teu cantor
Revelando a lua airosa
A estório dolorosa desse amor
Lua, manda tua luz prateada
Despertar a minha amada
Quero matar meus desejos
Sufocá-la com mil beijos
Canto, e a mulher que amo tnato
Não me escuta, está dormindo
Canto e por fim
Nem a luz tem pena de mim
Pois ao ver de quem te chama sou eu
Entre a neblina se escondeu
Lá no alto a alua esquiva
Está no céu tão pensativa
As estrelas são serenas
Qual veludo de falenas
Andam tontas ao luar
Todo o astral ficou silente para escutar
O teu nome entre as indeixas
As dolorosas queixas ao luar

(FRANTZ aplaude exageradamente. PLETSKAYA pede para ele se controlar e ataca na próxima música. Canta PLETSKAYA).



TANGO DA MÃE (Cláudio Levitan)

Todo menino que se prende
Pela mão de sua mãe
Diz que vai longe
Mas não passa do portão
Fica no muro ao lado dela
Atrapalhado com a rua
Enquanto o tempo
Estraga o coração

Todo menino que se preza
Fala mal de sua mãe
Diz que vai bem
Fica no leito ao lado dela
Atrapalhado com a vida
Enquanto a velha
Se estribucha de ferida

Como dó ser mamãe
Dar de leite pro menino
Prá depois ele morrer
Na solidão.

(nas pausas musicais FRANTZ ronca em alto e bom som deixando KRAUNUS e PLETSKAYA constrangidos e indignados. Quando acaba a música FRANTZ acorda com o barulho dos aplausos e elogia muito a última música).

PLETSKAYA - boa noite, eu nasci artista e fui cantor desde pequeninho. Durante a minha trajetória artística tive vários amores. Todos eles juravam-se amor eterno mas acabavam fugindo com outros deixando-me a saudade e a dor.

FRANTZ - mas que azarado.

PLETSKAYA - um dia, eu me lembro be, estava cantando Deu prá ti baixo astral, quando uma jovem da primeira fila atirou-me uma flor. Esta jovem veio a se tornar mais tarde a minha legítima esposa. Um outro dia, eu não gosto nem de lembrar, eu estava cantando lá em casa continua o mesmo problema ... e ela fugiu com outro deixando-me uma carta e na carta um adeus. Não pude mais cantar.



(PLETSKAYA sai do palco como se desistisse de cantar).
FRANTZ - Não, não desanima, reage. O show está apenas começando. Não desista, insista. Afinal, isto pode acontecer a qualquer um. Olha, que o público vai querer devolver os ingressos, com ágio.

(PLETSKAYA volta carregando gentilmente uma boneca de nene)
PLETSKAYA - mais tarde contudo lembrei que ela me havia deixado um pedaço do seu eu. Minha filha, uma pequenina boneca que eu tinha o dever de educar (atira a boneca para fora da cena). Voltei novamente a cantar, mas só por amor a minha filha. Eduquei, fez-se moça bonita, e um dia quando eu cantava mais uma vez Deu pra ti baixo astral... Deus. Levou a minha filha para nunca mais voltar.

FRANTZ - (aterrorizado) não, não...

PLETSKAYA - daí prá cá fui caindo, caindo, caindo, passando dos teatros de alta categoria aos de mais baixa até que acabei por tocar numa churrascaria. Nunca mais fui nada. Nada não. Hoje por que bebo...

FRANTZ - e como...

PLE - ... para esquecer toda essa minha desventura, chamam-me ébrio.

FRANTZ - e é pouco.

(tocam o Ébrio. Canta PLETSKAYA).

ÉBRIO (Vicente Celestino)

Tornei-me um ébrio e na bebida busco esquecer
Aquela ingrata qu eu amava e que me abandonou
Apedrejado pelas ruas vivo à sofrer
Não tenho lar e nem parentes tudo terminou
só nas tabernas é que encontro o meu abrigo
Cada colega de infortúnio é um grande amigo
E embora tenham como eu seus sofrimentos
Me acompanham e aliviam meus tormentos.

Já fui feliz e recebido com nobre até
Nadava em ouro e tinha alcovas de cetim
E a cada passo um grande amigo em que eu depunha fé
E nos parentes confiava, sim
E hoje ao ver-me na miséria tudo vejo então



O falso lar que eu tanto amava e que a chorar deixei
Cada parente cada amigo era um ladrão
Me abandonaram e me roubaram o que amei

Falsos amigos eu vos peço e imploro a chorar
Quando eu morrer na minha campa nenhuma inscrição
Deixai que os vermes pouco a pouco venham terminar
Com esse ébrio triste com esse triste coração
Quero somente que na campa em que eu repousar
Os ébrios loucos como eu venham depositar
Os seus lamentos no meu derradeiro abrigo
E suas lágrimas de dor a um peito amigo.

PLETSKAYA - e agora dando prosseguimento a essa seleção de in-
fortúnios KRAUNUS e PLETSKAYA tem o prazer de apresentar A Tra-
gédia Paixão de Marcelo por Roberta.

TRAGÉDIA PAIXÃO DE MARCELO POR ROBERTA (Nicolaiewsky)

Marcelo apaixonou-se por Roberta
Mas a mãe do moço não permite o casamento
Ele é muito tolo, ela é uma megera
Parece um cachorro na coleira dela

PLETSKAYA - a mãe não permite o casamento, o que fará Marcelo?
Resposta vocês terão na seqüência musical.

Marcelo ameaçou suicidar-se
Prá que a mãe querida abençoasse o matrimônio
- sem minha Roberta, nada mais importa
Nada mais importa, nada mais importa.

PLETSKAYA - O desespero tomou conta de Marcelo e a sua mãe não
queria nem saber, cá prá nós que veinha baixo astral. E agora
veremos o trágico desfecho.

A mãe permanecia irredutível
Quando de repente pela porta alguém entrou
Era o delegado REGinaldo Arnim
Todo apavorado que falou assim:
- teu filho Marcelo
Está enforcado no almoxarifado



Ao lado do jardim
e Roberta a novia
Tinha enlouquecido, estava internada
Ou algo parecido.

PLETSKAYA - Esta é uma estória de ficção
todos os personagens são falsos
inclusive nós.

Uma vida sem amor
É como um jardim sem flor
É como esperar o trem que já passou
Parece as vezes cruel
Parece até invenção
Outros dirão que parece normal
Como jornal, leite e pão
Uma vida sem amor

KRAUNUS - Continuando com a nossa estória, teremos nossos he-
róis em sua vida pós túmulo. Mostrando que só o amor pode ven-
cer os obstáculos, que não só a vida mas também a morte, nos
reservam.

ROMANCE DE UMA CAVEIRA (Alvarenga-Ranchinho-Chiquinho Salles).

Eram duas caveiras que se amavam
E a meia noite se encontravam
Pelo cemitério os dois passeavam
E juras de amor então trocavam
Sentado os dois em riba da lousa fria
A caveira apaixonada assim dizia
que pelo caveiro de amor morria
E ele de amores por ela vivia
Ao longe uma coruja cantava alegre
Ao ver os dois caveiros assim felizes
E quando se beijavam em tom fúnebre
A coruja batendo as asas pedia bis
Mas um dia chegou de pé junto
Um cadaver novo de um defunto
E a caveira dele se apaixonou



E o caveiro antigo abandonou
O caveiro tomou uma bebedeira
E matou-se de um modo romanesco
só por causa dessa ingrata caveira
Que trocou ele por um defundo fresco.

KRAUNUS - Passada a desdita que a vida do outro mundo os fez
passar. Chegamos a reencarnação. E aí eles já estão moderninhos
e transando altas canções.

PLETSKAYA - Essa música retrata o fascismo universal
É do Lennon e do Mac Cartnei
E a versão fui eu quem fiz

OTO E SARA (versão de Nico Nicolaiewsky para a música
Obla-di obla-da dos Beatles).

Oto é bem casado e cheio de moral
Sara é dona de um cabaré
Quando encontrou ela falou sensual
- arruma as tralha, pega os cacareco
vamo dar no pé

A Sara não entendeu mas nem tá
nessa eu vou me ajeitar
A Sara não entendeu mas nem tá
como eu quero me casar.

Mas as intenções desse bom rapaz
Não eram muito boas e ademais
Ele tava a fim do golpe do baú
O Oto era tri faju.

(KRAUNUS sai de cena, e retorna montado num cavalinho de madei-
ra).

FRANTZ - Não. Não. Olhem só para isto. Um homem grande desses.
É um mangolão. E olhem só a cara de felicdiade do imbecil. Não,
não, este mundo está perdido.



HINO AO DESTINO (Hique Gomes)

Meu cavalo ao sol a pino
Vai correr valente e fino
Pelas pautas transparentes desse hino
Da vitória ele está certo
Sente que está muito perto
Conseguir se entregar ao céu aberto
Suas asas quase prontas
Prá sair e toamr conta
Desse ar que tu respira
E muitas vezes me inspira
Desse ar que me fascina
E também que me ensina a flutuar.

KRAUNUS - Parece como num sonho. Eu sinto o golpe numa velocidade vertiginosa que rasga o tempo e me lança numa zona sem fronteiras onde o princípio e o fim se encontram. Aonde o amor e o ódio, a verdade e a mentira, o instante e a eternidade, aonde o tudo e o nada são pedaços de um pedaço de um pedaço de um pedacinho de um pedaço.
FRANTZ - É um filósofo.

(KRAUNUS retoma a música após o texto e encerra a canção fazendo uma exibição de virtuosismo sustentando uma mesma nota durante um minuto).

PLETSKAYA - Agora eu queria fazer uma surpresa para KRAUNUS e para esse distinto público. Eu recebi hoje um telegrama de New York aonde me diziam que KRAUNUS está indicado para receber o Oscar de fôlego e potência sexual. E agora uma demonstração de ecletismo, pois KRAUNUS vai tocar piano na próxima música. O tango da independência.

TANGO DA INDEPENDÊNCIA (Vitor Ramil - Paulo Seben)

Percorro à noite a avenida Independência
Os travestis da esquian fazem-me sinais
Penso na vida, no sentido da existência
E os meus sapatos pisam folhas de jornais
Porque não chuto cada poste no caminho
Não apedrejo a sinaleira que dispara



Nas madrugadas em que caminho sozinho
Pensando em nada apenas querendo chegar
Porque não mudo a minha rota se estou triste
Porque não brota à minha frente a flor do mal
Nem de repente me aborda o dedo em riste
Hercúlea sombra de um violento policial
Não sei porque já desisti só quero caminhar
Mesmo que os passos meus me levem a nenhum lugar
Encontrei então aquilo que perdi
A minha morte que fugiu quando nasci.

KRAUNUS - Agora nós vamos apresentar, o trailer do nosso próximo trabalho. Trata-se de uma pesquisa série que dará continuidade à este show. Nós inclusive estamos colhendo opiniões para o nome do show.

PLETSKAYA - Gostaria de avisar que as sugestões podem ser enviadas para o nosso fã clube "Miséria Pouca é Bobagem" que tem como presidente o FRANTZ, que foi eleito por insistência.

FRANTZ - Pela maioria...

PLETSKAYA - ... dos ausentes.

KRAUNUS - O show está em fase final, nós já temos patrocínio e várias propostas de viagem. O título provisório, e talvez o definitivo. Eu disse talvez... quem sabe... é. Sambas e Sadismos.

FAUTINA

Faustina corre aqui depressa
Veja quem está no portão
É minha sogra com as malas
E ela vem decidida
A morar no porão
Vai ser o diabo vamos ter sururu com o vizinho
Por isso mesmo é que eu vou dando o fora
Decididamente eu vou morar sozinho
É minha sogra mas tenha a paciência
não há quem possa com essa jararaca
Meu sogro foi de maca prá assistência
Com o corpo todo retalhado a faca
Mas comigo vai ser diferente
Não tenho medo dessa cara feia
pega a psitola e desperdiça um pente.



(KRAUNUS pega uma pistola imaginária em suas mãos e dá vários tiros no FRANTZ que cai gemendo sobre o palco...).

Ele cai morto e eu vou prá cadeia

(Enquanto PLETSKAYA cumprimenta KRUNUS por haver acabado com aquele incômodo, FRANTZ se levanta... e fala dirigindo-se para o público).

FRANTZ - Não precisam se preocupar. Esta cena faz parte do espetáculo. Foi ensaiada exaustivamente durante longos meses. Com laboratórios de expressão corporal e vivência dramática. Portanto, é tudo resultado de um trabalho sério, que exigiu uma grande disciplina. No momento de minha queda quando eu faço AAUG vocês devem ter notado... (PLETSKAIA encara FRANTZ este emudece e volta a sentar-se).

PLETSKAYA - eu me confesso, eu amei. Sim, apaixonadamente eu amei. Mas ela não me dava bola. Ela não me dava banda. Como eu sofria, com aquela paixão, prisioneira solitária no meu peito corroento pouco a pouco como câncer. Até que um dia ela se entregou para mim. E eu a possuí em mil abraços e carícias...
FRANTZ - sexo, só pensa em sexo.

PLETSKAYA - ... hó loucura seria mil vezes melhor queesse fugaz instante de felicidade nunca tivesse ocorrido...

FRANTZ - Mas tu gostou né ?

PLETSKAYA - ... pois daí em diante eu virei um escravo.

FRANTZ - ... do sexo.

PLETSKAYA - ... sim meus senhores. Daí em diante eu virei um escravo dos caprichos dela. Cometi as maiores barbaridades em nome desse louco amor e um dia, assim, de repente ela me deixou.

FRANTZ - de novo ?

PLETSKAYA - eu me perdi, eu me perdi, eu me perdi...

FRANTZ - Se perdeu no texto ?

PLETSKAYA - me afundei no vício da bebida. Até maconha eu fumei.

FRANTZ - Maconha ? há isso eu não sabia.

PLETS - tudo o que é mal habitava o meu corpo e o mundo seguia girando lá fora.

FRANTZ - Claro, fumando maconha. O mundo só podia girar.

PLETSKAYA - A minha desgraça era infinita. O meu sofrimento já parecia até um espetáculo de teatro. Não podia ser verdade. E então quando parecia não haver mais salvação para mim, adivinhem o que me aconteceu ?



FRANTZ - Largou a maconha ?

PORTA ABERTA (Vicente Celestino)

Vinha por esse mundo sem um teto
Dormia as noites num banco tosco de jardim
Sem ter a proteção de um afeto
Todas as portas tavam fechadas para mim
Mas Deus, que tudo vê e nos consola
Em seu sagrado templo me acolheu
E além de me ofertar aquela esmola
Meu destino transformou
Meu sofrimento acabou
E a minha vida renasceu

Porta aberta tendo o emblema de uma cruz
Essa porta não se fecha
Contra ela não há queixa
São os braços de Jesus
Porta aberta por Jesus de Nazaré
Desvendou-me o bom caminho
Hoje é meu doce ninho
Novamente deu-me a fé.
Porta aberta
Já não vivo mais ao léo
Porta aberta
Ao transpor-te entrei no céu
Porta aberta
Nunca mais hei de esquecer
Que és na terra a minha luz
És o bem que me conduz
Desde o berço até morrer.

KRAUNUS - Olhem meus senhores, para este homem, um homem consumido pelo vício. Afastado, marginalizado por uma sociedade sórdida, desumana, incapaz de estender a mão a quem necessita de apoio. Uma sociedade que exige o consumo desmedido das drogas que ela produz. Mas nós homens boa-vontade embutidos nesta sociedade, mas não escravos de suas nefastas distorções. Devemos, sim devemos, mas pagamos nosso tributo. Ajudando a esta alma frágil a alcançar a salvação (KRAUNUS passa o chapéu).



FRANTZ - São todas umas pedreiras. Ninguém se coça.

KRAUNUS - (assovia) é melhor trocar o ritmo da música. O pessoal não está gostando, e não está contribuindo.

FRANTZ - Eu lavro o meu protesto, por causa de uns míseros ní-queis, estes senhores acabam de destruir uma das mais belas páginas do cancionero popular brasileiro.

BERLIM BONFIM (Nei Lisboa - Hique Gomes)

Já vejo as casas ocupadas
As portas desenhadas
No vergonhoso muro da Mauá
Os velhos nos cafés
E o bar João em frente à Kriegstrase
A saga violenta desse parque
O cinza da cidade
Partido verde ao meio
E os cheiros peculiares ao recheio
De um bolo de concreto
Repleto de chucrut e rock and roll
E depois da meia noite
A fauna ensandecida do ocidente
Digitando em frente ao Metropol
Berlim, Berlim
Bom Fim, Bom Fim.

(entra fita com efeito sonoro de aviões e bombardeios. KRAUNUS começa a jogar bombas na platéia, mas FRANTZ não gosta e começa a atirar coisas de volta.

ANA CRISTINA (Cláudio Levitan)

Ana Cristina eu não gosto de você
To amando loucamente a tua mãe
Foi de manhã, eu fui tomar café
Apareceu a velha, sabe cumé
Poxa que alegria é marcha rancho
Poxa, com essa velha é que eu me arranjo



KRAUNUS - Agora eu queria falar um assunto um pouco mais sério. O primeiro objeto sexual da criança é a mãe que a alimenta. Esse amor no início está ligado a necessidade da satisfação do alimento. A forte ligação da menina com sua mãe está fadada a dar lugar à uma ligação com seu pai. E esse passo no desenvolvimento não é simplesmente uma mera troca de objeto o afastamento se dá num clima de antagonismo e a ligação termina em ódio.

PLETSKAYA - O desejo com que a menina se volta para o seu pai é fundamentalmente o desejo do pênis que a sua mãe lhe recusou e agora ela espera do seu pai. Se nos aprofundarmos bem nas menores femininas não raramente encontramos o desejo reprimido de possuir um pênis a este desejo infantil denominamos inveja do pênis e o incluímos no complexo de castração.

KRAUNUS - A fundamentação filogenética predomina tanto em toda esta experiência pessoal que tanto faz se a criança realmente mamou no seio materno ou se ela foi alimentada com mamadeira o desenvolvimento toma o mesmo rumo em ambos os casos e pouco importa quanto tempo a criança se alimentou no seio materno ela sempre ficará com uma grave convicção de que esta alimentação foi por demais curta e escassa.

KRAUNUS - disse o campônio à sua amada

PLETSKAYA - minha idolatrada diga-me o que quer

por ti vou matar vou roubar
embora tristezas me cause mulher
provar quero eu que te quero
venero teus olhos teu porte teu ser
mas diga-me a ordem espero
por ti não importa matar ou morrer

E ela disse ao campônio à brincar
se é verdade tua louca paixão
parte já e prá mim vai buscar
de tua mãe inteiro o coração

E a correr o campônio partiu
como um raio na estrada sumiu
e sua amada qual louca ficou
à chorar na estrada tombou



Chega à choupana o campônio
encontra a mãezinha ajoelhada à rezar
rasga-lhe o peito o demônio
tombando a velhinha aos pés do altar
tira do peito sangrando da doce máezinha
o pobre coração
e volta à correr proclamando
- vitória, vitória tenho minha paixão.
mas em meio a estrada caiu
e na queda uma perna partiu
e a distância saltou-lhe da mão
sobre a terra o pobre coração
nesse instante uma voz ecoou
magoou-se pobre filho meu
vem buscar-me filhinho aqui estou
vem buscar-me que ainda sou teu.

PLETSKAYA - E agora a nós vamos apresentar a última música des-
sa noite.

O DRAMA DE ANGÉLICA (Alvarenga - M.G. Barreto).

■ ■ ■
Ouve meu cântico
quase sem ritmo
que é a voz de um tísico
magro esquelético
poesia ética
em forma esdrúxula
feita sem métrica
com rima rápida

amei Angélica
mulher anêmica
de côres pálidas
e gestos tímidos
era maligna
e tinha ímpetos
de fazer cócegas
no meu esôfago



em noite frígida
fomos ao lírico
ouvir o músico
e pianista célebre
soprava o Zéfiro
ventinho úmido
então Angélica
ficou asmática

PLETSKAYA - o drama de Angélica 2º ato.

fomos ao médico
de muita clínica
com muita prática
e preço módico
depois do inquérito
descobre o clínico
o mal atávico
mal sifilítico

Mandou-me célere
comprar nóz vômica
e ácido cítrico
para o seu fígado
o farmacêutico
mocinho estúpido
errou na fórmula
fez despropósito
não tendo escrúpulo
deu-me sem rótulo
ácido fênico
e ácido prússico
corri mui lépido
mais de um quilômetro
num bonde elétrico
de força múltipla

PLETSKAYA - O drama de Angélica 3º ato.



O dia cálido
deixou-me tépido
achei Angélica
Já toda trêmula
a terapêutica
dose alopática
lhe dei em xícara
de ferro ágati
tomou num fôlego
triste e bucólica
esta estrambólica
droga fatídica
caiu no esôfago
deixou-a lívida
dando-lhe cólica
e morte trágica

O pai de Angélica
chefe do tráfico
homem carnívoro
ficou perplexo
por ser estrábico
usava óculos
um vidro côncavo
e outro convexo

PLETSKAYA - quarta e última parte

Morreu Angélica
de um modo lúgubre
moléstia crônica
levou-a ao túmulo
foi feita autópsia
todos os médicos
foram unânimes
no diagnóstico

Fiz-lhe um sarcófago
 assaz artístico
 todo de mármore
 da cor do ébano
 e sobre o túmulo
 uma estatística
 coisa metódica
 como os Lusíadas
 e numa lápide
 paralelepípedo
 pus este dístico
 terno e simbólico
 ca jaz Angélica
 moça hiperbólica
 beleza helênica
 morreu de cólica



ENCERRAMENTO (cantado sobre tema de Charlie Chaplin)

Desgrazia ma non troppo
 qual trono fa piruela
 ce tati embriagado
 alia riba su topor

Pletskaya e Kraunus Sangue
 desesperovna schlicel
 pobrovna mãe materna
 kliks on wander boitatá

Su barcerola vola
 su schnessel vesen frito
 vá num tango e cartamano
 cara dura e macarrón
 aleronte siaca
 aleronte siaca
 aleronte siacabou.